

LXXXVII

São sete alfaiates para matar uma aranha

Locução irónica que se emprega quando vai muita gente para fazer uma coisa que não exige força, perícia, valor nem coragem; ou com que se critica a azáfama de muitas pessoas que se empenham em coisa fácil, e não a conseguem.

Segundo Adolfo Coelho (¹), esta locução é o eco de uma tradição portuguesa, hoje perdida, ao que parece, na sua integridade, mas que tem noutros países da Europa paralelos, em todos os quais se trata de ridicularizar a covardia de um indivíduo, de uma classe, dos habitantes de uma localidade, de um povo, etc.

O mesmo A. cita o conto alemão dos *Sete suabos*, em que os sete valentes vão pelo mundo fora, empunhando todos ães uma única lança, apanhando um grande susto causado pelo zumbido de um besoiro, ou bicho semelhante, e vendo numa lebre que encontraram a dormir com os olhos abertos e as orelhas erguidas, o diabo em pessoa, ou sua mãe, ou seu cunhado. Animando-se mutuamente, os sete valentes avançam, um dêles solta um grito, o animal foge, e reconhecem então que era uma lebre.

Em parte das versões conhecidas de Adolfo Coelho figura em vez da lebre o caracol, que é, como aquela, o tipo da covardia.

Adolfo Coelho cita um conto alemão em que se narra o combate dos alfaiates contra o caracol, êste estende os cornos, e os heróis da agulha tratam de fugir.

A tradição existiu em Hespanha, como parece indicar uma obra satírica do século xv, intitulado *Libro de cetreria de Evangelista*, publicada por A. Paz y Melia, e de que Adolfo Coelho transcreve um trecho.

Adolfo Coelho fala de um divertimento popular que havia no Fundão, e em que uma aranha de arame era levada num andor, avançando contra ela os sete alfaiates, armados de

(¹) *Notas e paralelos folklóricos*, in *Rev. Lus.*, I, 256.

tesouras, e recitando-se uns versos que aquele autor diz não ter podido obter:

A esclarecer aquele uso, appareceu Armando Silva, na *Rev. Lus.*, II, 84 (ano de 1890), dizendo que a tradição, esquecida então há mais de vinte anos, é a seguinte, alcançada directamente da tradição oral na freguesia de Aldeia Nova do Cabo, a três quilómetros do Fundão: Saíam os sete alfaiates — isto é, sete indivíduos escolhidos para representarem esse papel — pelas ruas da terra, conduzindo os bancos e os aprestos do officio, e acompanhados por um carro pequeno, coberto e cheio de hera, — o andor, aonde ia a aranha de arame. Nos sítios em que paravam, sentavam-se nos bancos, a trabalhar ao som das cantigas adiante transcritas; e, quando apparecia a aranha, saindo à frente do carro enfeitado — o *mefedo* — empurrada ou puxada por personagem occulto no carro, os sete alfaiates erguiam-se e arremetiam com as tesouras para a frente, dizendo mais animadamente os versos. Estes eram cantados nos terreiros e nas ruas, à porta das casas das pessoas principais, onde parava a dança, a qual só se realisava em dias mais festejados do calendário popular, como domingo de Páscoa, dia de S. João, etc.

Os versos eram os seguintes, sem se lhes alterar a forma de linguagem popular:

Senhor mestre alfaiate,
que é aquilo q'além vimos?
— Todos dizem qu'è arenha
e nós dela fugimos.

Senhor mestre alfaiate,
mande-nos dar de jantar;
já temos a obra feita,
queremos ir andar.

Venham cá os meus officiaes,
com toda a moderação.
— Acudimos ó nosso mestre
q'está em grande afflicção.

Senhor mestre alfaiate,
tendes cara de madama,
tudo é aceitar a obra,
deitar-nos em má fama.

Senhor mestre alfaiate,
nós não temos que fazer;
venha a talhar a obra,
para entrarmos a coser.

Senhor mestre alfaiate,
ninhum de nós tenha medo,
a arenha está metida
no *mefedo*.

Senhor mestre alfaiate,
nós não queremos mais nada;
queremos ver a arenha
q'além está *amorfalhada*.

Senhor mestre alfaiate,
tendes testa de carneiro;
tudo é aceitar a obra
sem nos querer dar dinheiro.

Senhor mestre alfaiate,
todos postos em campanha,
com agulhas e tesoiras,
p'ra matar aquela arenha.

Senhor mestre alfaiate,
o ruído qu'além vem!
Todos dizem qu'é arenha,
qu'ela pilhada nos tem.

O dr. Mota e Moura, nas *Memórias históricas da vila de Niza*, II, p. 101-104, descreveu assim uma parte das festas dramáticas realizadas naquela vila no ano de 1828: «... na frente os alfaiates, com suas régoas e tesouras, e chegando ao Rocio, e fazendo uma grande roda, começaram a desempenhar o seu papel, que consistia numa engraçada contra-dança e pantomima em roda de um cortiço... Para ver a dança e gozar o divertimento, foi saindo do cortiço uma enorme e feíssima aranha, que, para estar mais à vontade e contente, se colocou em cima d'ele, e aí ficou; mas reparando nela os dançantes, e sendo os alfaiates homens de pouco ânimo e valor, não puderam continuar a dança na presença de tão asqueroso e repugnante hóspede, e trataram de o afugentar; vieram todos com suas régoas e tesouras alçadas, fazendo vários trejeitos e gaifonas, mas o peçonhento bicho, apenas os avistou, refugiou-se no profundo covil, com o que ficaram vexados e corridos os agressores, que imediatamente retiraram a seus lugares; e querendo continuar o folguedo viram de novo o atrevido insecto, que do alto do baluarte os provocava a novo conflito, que seus inimigos empreenderam com igual resultado; mas tanto foram e vieram, que a pobrezinha teve de perecer vítima de uma cilada que lhe armaram, ficando um dos mais corajosos emboscado junto do forte, e cortando-a depois com a tesoura quando ela mais se ufanava e ensoberbecia da sua vitória (¹).

Segundo Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Portugal*, § 262 e, quem quizer fazer arreliar os alfaiates é falar-lhes em aranhas, porque se conta que foram precisos muitos alfaiates com as tesouras abertas para atacar uma que lhes appareceu, e daí provém a locução.

(¹) Apud Teófilo Braga, *Povo Português*, II, 420.

Quadras populares alusivas à covardia dos alfaiates:

De Coimbra:

Alfaiates não são homens, nem se lhes podem chamar: em perdendo uma agulha, põem-se logo a chorar.	Semei no meu quintal o brio dos alfaiates; nasceu-me uma parreirinha rodeada de bonifrates.
---	--

Aqui d'el-rei, quem acode
ao fogo de Santarém!
Acudam os alfaiates
emquanto os homens não veem! (¹)

Da Beira-Alta:

Setecentos alfaiates para matar uma aranha:	fortes são os alfaiates que nem isso apanham! (²)
--	--

Do Minho:

Vinte cinco mil alfaiates todos postos em campanha, com a tesoiras abertas para matar uma aranha.	Setecentos alfaiates é tudo: — <i>farei, furei!</i> por matar uma aranha gritaram: — <i>aqui d'el-rei!</i> (³)
--	---

Outras:

Setecentos alfaiates outros tantos cardadores, (⁴) para matarem a aranha foram chamar os pastores.	Quem acode ao rio Douro, que alaga Santarém! Acudam os alfaiates, emquanto os homens não veem!
---	---

A pouca energia atribuída aos alfaiates é também objecto do adágio inglês: *A tailor is the ninth part of a man.*

(¹) Loc. cit. na nota 1 a pág. 106.

(²) Leite de Vasconcelos, *Trad. pop. de Portugal*, (262, e).

(³) Idem, *ibidem*.

(⁴) Os cardadores são também tidos por homens de pouco préstimo. Cf. o adágio: *sete cardadores para um saramago*.